

JULIO CÉSAR E A RELIGIÃO ROMANA: REFLEXÕES A PARTIR DA NARRATIVA SUETONIANA¹

Prof. Dr. Dominique Santos
Acad. Alexandra Lemes
FURB - Universidade de Blumenau
Lab. Blumenauense de Estudos Antigos e Medievais
www.furb.br/labeam

RESUMO:

A religião está diretamente relacionada com a vida política e militar dos governantes romanos. A leitura da obra de Gaius Suetonius Tranquillus, *Divus Julius*, nos permite perceber diversos encontros e desencontros entre a vida pública e as práticas religiosas da cidade. O objetivo deste artigo é apresentar algumas reflexões sobre este complexo relacionamento entre Júlio César e a religião romana a partir da narrativa suetoniana.

Palavras-chave: Julius Caesar; Suetonius; Religião Romana; Sacerdócio.

ABSTRACT:

Religion is something directly related to the political and military life of the Roman rulers. By reading Gaius Suetonius Tranquillus's work, *Divus Julius*, one can figure out many agreements and disagreements between the public life and the religious practices of the city. The main aim of this paper is to present some thoughts on this complex relationship between Julius Caesar and the Roman religion from Suetonian narrative.

Keywords: Julius Caesar; Suetonius; Roman Religion; Priesthood.

A vasta categoria que compreende a “religião romana” é composta por diferentes elementos e um sem número de “práticas, instituições e crenças”. Como demonstra a historiadora Claudia Beltrão Rosa, a religião romana é manifestada de diversas maneiras em diferentes lugares: nas casas privadas, com seus altares dedicados aos “deuses domésticos”; nos campos, com os santuários locais; e nas cidades, com os templos, considerados pelos romanos as próprias residências dos deuses na terra (ROSA:2008, p.15). Em outro artigo, a mesma historiadora nos lembra da dificuldade de o pesquisador compreender algo que é tão estranho a ele, uma vez que “estudamos a religião romana sob os olhos modernos, com crenças projetadas por meio de visões atuais sobre a questão religiosa na Antiguidade romana”. (ROSA: 2013, p. 124).

Ana Carolina Caldeira Alonso é consonante às afirmações de Rosa. Segundo a autora, é preciso ter o cuidado para não imputar estes valores modernos às crenças romanas. Na contemporaneidade, é comum encontrarmos algum debate sobre a necessidade de separação entre o Estado e a Igreja, entre as práticas religiosas e a vida pública. Em Roma, ao contrário, não há uma distinção entre a religião e a vida política, jurídica ou familiar (ALONSO: 2011). Tatiana Bina nos lembra que “a constituição de uma esfera política autônoma, ou seja, desvinculada da experiência religiosa, é um evento recente” (BINA: 2008, p. 01). Ana Teresa Marques Gonçalves (2008) também afirma que: “religião e Poder se misturam intrinsecamente em solo romano”. Como exemplo, a autora menciona o calendário das festividades romanas e seus ciclos festivos, que integravam várias atividades, muitas das quais oferecendo oportunidades para relações de poder e discussões de alianças políticas. Segundo ela, “numa mesma festividade poderiam ocorrer procissões festivas, sacrifícios de animais, jogos gladiatórios, banquetes públicos, corridas de carros, entre outras atrações” (GONÇALVES: 2008, p. 31).

Nesse sentido, percebe-se que a religião romana não pode ser analisada ou compreendida de forma isolada dos termos e conceitos presentes na documentação antiga, que evidenciam situações diversas. Este cuidado é necessário para que o historiador tenha um maior controle sobre as formas que utiliza em seu texto, afinal, como aponta Norberto Guarinello (2003), elas não são inocentes, mas comportam inquietações e vontades políticas que, muitas vezes, imputam diversos anacronismos às sociedades analisadas. Reflexão semelhante também é apresentada por Fábio Faversani, para quem o passado não está aguardando para que o historiador o descubra. Assim, não há uma verdade a ser revelada, é preciso fazer uma “crítica da tradição, destas representações arbitrárias e sem coesão que podemos perceber no presente e que têm como referente o passado” (FAVERSANI: 2013, P. 20).

Considerando estas questões, percebemos, então, que a religião está diretamente relacionada com a vida política e militar dos governantes romanos. Assim, a leitura da obra de Gaius Suetonius Tranquillus, *Divus Julius*, nos permite perceber diversos encontros e desencontros entre a vida pública e as práticas religiosas da cidade. Tomando os devidos cuidados sobre os quais a historiografia supramencionada nos alerta, o objetivo deste artigo é apresentar algumas reflexões sobre este complexo relacionamento entre Júlio César e a religião romana a partir da narrativa suetoniana.

BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE A VIDA E A OBRA DE CAIUS SUETONIUS TRANQUILLUS

Do pouco que se sabe sobre a vida do biógrafo romano, acredita-se que nasceu por volta do ano de 69 d.C. e morreu entre os anos de 140 e 150 d.C.. *Gaius Suetonius Tranquillus*, como era chamado, teria sido um estudioso da retórica, professor de gramática e advogado, mas, sobretudo, um erudito. Sob a proteção de Plínio, o Jovem, teve acesso às letras e, por recomendação deste, obteve do imperador Trajano o cargo de “*ius trium liberorum*” e o tribunado militar. No período de Adriano, desempenhou o cargo de “*magister espistularum*”, uma espécie de secretário particular do Imperador (SOBRAL: 2007, p. 09). Apesar do afastamento do cargo por suposto envolvimento com a imperatriz Sabina e de não ter ocupado todas as magistraturas da carreira pública romana, o vínculo mantido com o Imperador lhe proporcionou acesso aos dados necessários para escrever suas obras.

Segundo as historiadoras Renata Cintra e Andrea Rossi, a obra de Suetônio “reflete o pensamento geral existente nos círculos intelectuais romanos que o biógrafo freqüentava”, ainda que não possamos identificar exatamente qual o nível deste envolvimento político. (CINTRA & ROSSI: 2009, p.2) Para Aldo Eustáquio Sobral, a produção crítico-bibliográfica disponível sobre a vida e obra de Suetônio “não revela com clareza o envolvimento político do autor, e ainda muitas questões são “colocadas pelos críticos sobre a sua origem humilde”. (SOBRAL: 2007, p. 9).

Ainda que sua produção literária tenha se perdido com o tempo, grande parte da “obra prima” suetoniana chegou aos nossos tempos. *De vita Caesarum* é composta pelas biografias de diversos governantes romanos de Júlio César até o Imperador Domiciano e está dividida em oito livros. Andre Luiz Leme aponta que a principal característica da obra consiste em apresentar a vida de personagens de destaque no cenário político de Roma apresentando, além das biografias, uma análise “moral sobre as suas ações e comportamentos”. (LEME: 2014, p. 46).

Leme apresenta dois momentos distintos nas biografias que Suetônio escreveu. O primeiro é o “relato sobre a trajetória da vida” da personagem. É neste momento que são apresentadas as origens familiares, o local e época de nascimento, a “trajetória política”, as campanhas militares, “obras e espetáculos públicos” e, por fim, os relatos das mortes dos biografados. Outro momento da narrativa Leme classifica como sendo aquele em que Suetônio apresenta diversas “categorias” que nos dão noções das características físicas, humor, comportamentos, predições e também algumas curiosidades, espantos e críticas acerca do biografado. Para Leme, estes dois momentos, apesar de reconhecíveis, no decorrer da narrativa não se separam, são mesclados um ao outro. (LEME: 2014, p. 49). O autor ainda identifica alguns dos biógrafos que possivelmente tenham influenciado os estudos e, por consequência, os escritos suetonianos. Se Suetônio bebeu nas biografias escritas por Marco Terêncio Varrão (116-27 a.C), Cornélio Nepos (110-24 a.C), Plutarco (46-120 d.C), inclui-se aqui também a biografia de Júlio Agrícola escrita por Tácito (55-120 d.C). Contudo, não havia naquela época um “modelo restritamente fixo” que demonstrasse a “essência” do gênero. (LEME: 2014, p. 49). Antonio da Silveira Mendonça atribui a Suetônio a formação deste “modelo canônico” que influenciaria a tradição literária do gênero biográfico. (MENDONÇA: 2007, p. 14).

Cintra e Rossi também demonstram a inovação presente na narrativa biográfica suetoniana, pois, na opinião destas autoras, o escritor romano “trata os imperadores como seres humanos comuns que vão enredando práticas exóticas, inusitadas e criminosas” (CINTRA & ROSSI: 2009, p. 3). Para além destes enredos “exóticos e inusitados”, na análise de Leme, a narrativa suetoniana situa “cada personalidade em suas respectivas ações e comportamentos” e contextualiza-as em um âmbito maior, apresentando o “ambiente político, social e cultural em que o biografado viveu”. Para ele, os acontecimentos permeiam “a vida em análise” e tornam-se “importantes indícios para a averiguação e crítica das atitudes, boas ou ruins, do biografado. (LEME: 2014, p. 50).

Se, como defendem Cintra e Rossi, a biografia está entre os gêneros históricos mais difíceis, estas narrativas são, sobretudo, reveladoras, pelo que despertam a partir das suas “declarações, descrições e ilustrações”. Assim, percebemos que a leitura da obra de Suetônio também revela os movimentos que circundam a vida de Júlio César, dentre todos os aspectos abordados pelo biógrafo, o que nos interessa em particular para análise é a questão religiosa e é considerando estas questões que passamos agora à análise da obra suetoniana.

JULIO CÉSAR E A RELIGIÃO ROMANA: UMA LEITURA DA NARRATIVA SUETONIANA

Como mencionamos, a obra de Suetônio também revela os movimentos políticos, sociais e culturais da sociedade romana no período compreendido entre o final da República e os primeiros anos do

Império. Entre o relato da vida pública e particular também é possível localizar aspectos da relação de Júlio César com a religião romana.

A parte da obra em que Suetônio narra a infância e o início da juventude de César, bem como o prólogo, se perdeu com o tempo. O relato inicia com César já jovem, com dezesseis anos e já enredado na vida pública. Da narrativa, percebemos César envolto, para além das conquistas militares, em rituais fúnebres, festivais de diversas finalidades, ritos de sacrifícios e sonhos prodigiosos.

Quando analisamos estas representações religiosas na obra suetoniana, como mencionamos acima, não podemos fazê-lo com as lentes da religião ou das crenças modernas. David Wardle, quando analisa Julio César e sua relação com a religião romana levanta contradições que aparentemente permeiam a historiografia que analisa César e a relação do senador com a religião. Segundo o autor, “an extraordinary career, which began with Caesar slated to become Jupiter’s representative on earth and ended with his assumption of divine status, naturally receives wildly differing assessments.” (WARDLE: 2009, p. 100). Wardle, neste caso, prefere considerar que César adapta suas aspirações de acordo com as oportunidades que lhe são apresentadas.

Segundo Wardle, as palavras de César em seus *Commentarii*, pouco revelam sobre a sua relação com as crenças religiosas, contudo, a documentação revela um César que não deixa de realizar os sacrifícios antes das batalhas, consulta regularmente aos oráculos e se demonstra atendo aos presságios. (WARDLE: 2009, p.101). Suetônio atribui a Cesar, além das atividades religiosas, uma descendência real e divina. Se do lado materno o senador é descendente de reis, do paterno está ligado aos deuses imortais, conforme podemos ler no fragmento abaixo:

“1. Durante a questura, pronunciou, como era de costume, o elogio fúnebre de sua tia Julia e da esposa Cornélia nos rostos. 2. E no panegírico da tia disse o seguinte a respeito da ascendência dupla dela e de seu próprio pai: “Do lado materno minha tia Julia descende de reis, e o paterno está ligado aos deuses imortais. Com efeito, os Márcios Reis, e esse foi o nome de sua mãe, vêm de Anco Márcio e de Vênus provêm os Julios a cuja gente pertence a nossa família. Há pois, no nosso sangue a sacralidade dos reis que têm poder entre os homens, e a santidade dos deuses, de cujo poder dependem os reis.” 3. Com a morte de Cornélia ele se casou com Pompéia, filha de Quinto Pompeu e neta de Lúcio Sila; dela posteriormente se divorciou, ao supor que mantivera relações adúlteras com Públio Clódio; e tão consistentes eram as notícias de que este se insinuara junto dela em trajes femininos durante cerimônia religiosa, que o Senado decretou inquérito sobre sacrilégio”. (SUETONIUS, Divus Julius: 6.1-3).

Jose Luis Lopes Brandão atribui uma dimensão temporal à religião, percebida pelo autor, principalmente, nos presságios. É através deles que, no presente, cumprem-se fatos e permitem previsões do futuro. (BRANDÃO: 2008, p. 135). Para Cintra e Rossi, desempenham papel de extrema importância para a “iniciação e posterior realização das iniciativas estatais”. (CINTRA e ROSSI: 2009, p. 3). Os prodígios não são ignorados por César, quando acampado às margens do rio Rubicão, viu-se diante de um dilema, se atravessasse o rio “tudo seria levado adiante pelas armas”. (SUETONIUS, *Divus Julius* 31.3). A decisão do general de seguir adiante foi baseada em um sinal prodigioso:

“Estando indeciso, ocorreu-lhe o seguinte prodígio. 2. Um homem de grande porte e de extraordinária beleza apareceu de repente, sentou-se bem perto e começou a tocar flauta. Além de pastores, também um grande número de soldados acorreu dos postos para ouvi-lo, entre eles alguns trombeteiros; o homem, apanhando a trombeta a um deles, lançou-se ao regato, pondo-se a soar a trombeta com um sopro incrível, passou para outra margem. 3. Então César disse: “É preciso ir para onde nos convocam as mensagens dos deuses e a justiça dos homens. O dado está lançado””. (SUETONIUS, Divus Julius: 32.1-3).

No trecho acima, pode ser observado que César vê e interpreta um prodígio que lhe foi favorável, tomando a decisão de acordo com a revelação feita. Contudo, podemos perceber em outro momento da narrativa suetoniana que em alguns momentos César não interrompe seus intentos e projetos particulares devido a motivações religiosas, conforme revela Suetônio:

“Nenhum escrúpulo religioso jamais o fez abandonar qualquer um dos seus projetos. Certa vez, embora a vítima lhe escapasse no momento em que a imolava, não adiou sua marcha contra Cipião e Juba. Tendo levado um tombo ao sair do navio, reverteu o presságio em sentido favorável, dizendo: “Eu te seguro, África”. 2. Para escarnecer as predições segundo as quais, o êxito e a vitória estavam, pelo destino ligados ao nome dos Cipiões, manteve consigo no acampamento um membro totalmente desprezível da linhagem dos Cornélios, o qual, pelo desdouro m que vivia, tinha o apelido de Salvitão. (SUETONIUS, Divus Julius: 59.1-2, grifo nosso).

Outro momento em que Suetônio demonstra esta tendência de César em suprimir seus “escrúpulos religiosos” aparece no trecho que antecede o episódio de sua morte. César zomba do harúspice Espurina, que havia lhe alertado para que este tomasse cuidado quando chegassem os Idos de Março.

“A seguir, depois de imolar inúmeras vítimas sem obter presságios favoráveis, entrou na cúria, passando por cima de seus escrúpulos religiosos e, zombando de Espurina e tachando-o de mentiroso, pois os idos

de março lá estavam e nada de mal lhe acontecera; o harúspice lhe respondeu que realmente eles tinham chegado, mas não tinham acabado. (SUETONIUS, Divus Julius: 81.1-9)

Ainda que César tenha zombado destes presságios que lhe eram desfavoráveis, podemos inferir a partir deste fragmento que, na tentativa de obter algum presságio favorável, imolou “inúmeras vítimas” e somente após estas repetidas tentativas dirigiu-se à cúria onde encontrou os senadores que conjuravam a sua morte. Contudo, apenas a partir destes trechos não se pode afirmar qualquer ceticismo ou cinismo, como bem aponta Wardle: “A second apparent contradiction emerges if we attribute to Caesar either cynicism or scepticism regarding the religious system of which he was the senior official for much of his life.” (WARDLE: 2009, p 100). Julio César foi eleito *Pontifex Maximus* romano, tendo vencido outros dois concorrentes. Segundo Suetônio, “foi tal sua vitória sobre os dois outros competidores, homens poderosíssimos e muito acima dele em idade e títulos, que, sozinho, recebeu mais votos nas tribos deles do que os dois em todas” (SUETONIUS, Divus Julius: 13.2).

No exercício da função de pontífice Máximo, César deliberou e implantou mudanças significativas na religião romana. Os principais feitos destacados por Wardle são: “(1) reform of the calendar, (2) reform of the priestly colleges by a lex Iulia de sacerdotiis, (3) the creation of a third group of Luperci, the Iulii or Iuliani, (4) the formal introduction of the cult of Liber Pater, and (5) the extension of privileges to the Jews.” (WARDLE: 2009, p 104).

Outras dimensões da esfera religiosa também são exploradas por Julio César. Quando da morte de sua tia Júlia, como demonstrou trecho anteriormente analisado, fez uso do elogio fúnebre para lembrar a todos das suas origens divinas, também ofereceu festas públicas para a plebe romana. Conforme Gonçalves, uma festividade em que se misturavam as “esferas pública e privada” eram os funerais. Durante esta festividade, o lamento da família, “dependendo do status social desta família” unia-se a ações públicas como banquetes e jogos de gladiadores. (GONÇALVES: 2008, p. 35). Neste quesito, como demonstra a documentação, César é inovador. Quando da morte de sua tia pronunciou o elogio fúnebre e quando sua esposa e quando sua filha, esposa de Pompeu, faleceu, foi pioneiro ao oferecer espetáculos de gladiadores e banquete em sua memória.

“ [...] Prometeu espetáculos de gladiadores e banquete em memória da filha, o que antes dele ninguém fizera. Para que a expectativa desses festejos fosse a maior possível, as coisas que diziam respeito ao banquete, embora contratadas com fornecedores, ele as fez também preparar em casa particulares.[...]” (SUETONIUS, Divus Julius: 26.3, grifo nosso).

Suetônio relata os acontecimentos que antecederam a morte de César lembrando que muitos sinais, ou “prodígios”, evidenciaram o assassinio eminente do senador. Suetônio relata que colonos descobriram “ao construir suas casas de fazenda [...] uma quantidade de pequenos vasos antigos” e, num sepulcro, que acreditavam conter os restos de Cápis, encontraram uma placa de bronze, na qual havia inscrições em língua grega que proferiam:

“[...] Quando forem descobertos os ossos de Cápis, um adolescente de *Iulo* será assassinado pelas mãos de seus familiares e logo a sua morte será vingada por grandes desastres na Itália.[...]” (SUETONIUS, Divus Julius: 81.2).

Outro sinal apontado por Suetônio:

“Nos últimos dias, César ficou sabendo que a tropa de cavalos que, ao atravessar o Rubicão, ele deixara soltos e sem guardadores, se recusava terminantemente a comer e chorava copiosamente”. (SUETONIUS, Divus Julius: 81.4).

Dentre os prodígios que anunciaram a morte de César, os mais evidentes são aqueles que surgiram em sonho a ele próprio e a sua esposa, Calpúrnia, segundo o biógrafo:

“Na noite que antecedeu seu assassinio, ele próprio, durante o sono, se viu ora voando por sobre as nuvens, ora apertando a Mão de Júpiter; sua mulher Calpúrnia, por sua vez, sonhou que a cumeeira da casa despencava e que o marido era esfaqueado em seus próprios braços, e subitamente a porta do quarto se abriu sozinha. 8. Em vista e por não estar passando bem, ele esteve em dúvida se não devia resguardar e adiar o que o tencionava tratar no Senado, mas diante dos apelos de Décimo Bruto para não frustrar os que em grande número o aguardavam há bastante tempo, pela quinta hora saiu de casa. Tendo recebido de um transeunte um bilhete que denunciava a emboscada, juntou-o aos outros que trazia na mão esquerda, como a dizer que os leria depois”. (SUETONIUS, Divus Julius: 81.7-8).

Se César recebeu esses recados sobre a sua provável morte nos Idos de Março e ainda assim não deixou de comparecer ao senado naquele dia, para Suetônio ele “não levava em conta as premonições religiosas e as informações trazidas pelos amigos” não por ser incrédulo, mas sim devido ao seu “estado pouco favorável de saúde”, diz ainda que fosse da vontade de César que sofresse de uma vez os atentados que o ameaçavam “a viver se precavendo” (SUETONIUS, Divus Julius: 86.1-3)

Após a sua morte, diversos eventos “comprovariam” a sua origem divina. Seu nome não foi incluído na relação dos deuses apenas pelos homens públicos, o povo também aclamava a César como deus. Vejamos algumas destas questões:

“Morreu aos cinquenta e seis anos e foi incluído na relação dos deuses, não apenas pela boca dos que o decretaram, mas por convicção popular. 2. Durante os primeiros jogos que Augusto, seu herdeiro, proporcionou ele, por ocasião de sua apoteose, um cometa, que aparecia é undécima hora, brilhou por sete dias consecutivos e a crença foi de que era a alma de César acolhida no céu; esse foi o motivo de acrescentar uma estrela no alto da cabeça de sua estátua. 3. Foi decidido que se murasse a cúria onde foi morto, que os idos de março se chamassem “dia assassino” e que nesse dia o Senado jamais se reunisse”. (SUETONIUS, Divus Julius: 88.1-3, grifo nosso).

O processo de criação de um *divus*, como salienta Gonçalves, era, sobretudo, um “ato religioso, no qual alguém era feito *sacrum*, uma propriedade das divindades, por decisão do Senado”. (GONÇALVES: 2011, p. 37). O trecho supracitado demonstra que o nome de César foi incluído na relação dos deuses pelos magistrados e aclamado pelo povo. Ainda assim, o cometa que brilhou por sete dias demonstrando que a alma do senador havia sido “acolhida no céu” pode ser interpretado como sendo a confirmação dos deuses de que aquele era merecedor do título que recebera dos mortais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como foi possível observar, a esfera religiosa permeia as decisões políticas e militares dos governantes romanos. Considerando isto, vimos que em inúmeras ocasiões Júlio César mantém relações diretas com diversas formas de manifestação da religião romana. Ele promoveu eventos públicos, tais como festivais e banquetes, proferiu elogios fúnebres, realizou sacrifícios, consultou os oráculos e exerceu ainda o cargo de *Pontifex Maximus* romano, importante quando da efetivação de inúmeras decisões no que diz respeito ao sagrado.

Suetônio, apesar de apresentar um Júlio César bastante consciente de seus planos e intentos, não sendo impedido de executar suas ações por seus “escrúpulos religiosos”, para usar as palavras do próprio escritor romano, demonstra, ao longo de sua narrativa, a importância da religião para as decisões do Senador. Esperamos que as breves considerações sistematizadas neste artigo possam contribuir para o debate sobre a religião romana e estimular mais leituras destas narrativas biográficas, ricas em elementos que nos permitem compreender as sociedades antigas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A) Fontes Utilizadas

SUETÔNIO E PLUTARCO. Vidas de César. São Paulo: Estação Liberdade, 2007.

B) Obras gerais

ALONSO, A. C. C. . Religião, Sociedade e Gênero na República Romana Tardia: O Culto de Vesta. In: XXVI SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA ANPUH: 50 anos, 2011, São Paulo. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História ANPUH, São Paulo, julho 2011, 2011.

BINA, Tatiana . As evidências arqueológicas da religião romana na Gália, durante os séc. I ao III d.C.. In: Anpuh, 2008, São Paulo. XIX Encontro Regional da Anpuh São Paulo: Poder, violência e exclusão, 2008.

CINTRA, Renata. ROSSI, Andrea Lúcia D.O.C.. A biografia de César: um estudo sobre os *prodigia* em Suetônio. VIII Jornada de Estudos Antigos e Medievais. 2009

DOSSE, F.. O Desafio Biográfico: Escrever uma vida. Traduzido por Gilson César Cardoso de Souza. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

FAVERSANI, F.. Escrita da história e a historia dos antigos. In Saberes e poderes no Mundo Antigo. Estudos ibero-latino-americanos. Volume I - Dos saberes. Organizadores: Fábio Vergara Cerqueira, Ana Teresa Marques Gonçalves, Edalaura Berny Medeiros e José Luís Lopes Brandão. 1ª edição: IUC • 2013

GONÇALVES, A. T. M. . As Festas Romanas. Revista de Estudos do Norte Goiano, v. 1, p. 26-68, 2008.

GUARINELLO, N. L. . Uma Morfologia da História: as formas da História Antiga. Politéia (Vitória da Conquista), Vitória da Conquista, v. 3, n.1, p. 41-62, 2003.

JOLY, Fábio Duarte. Suetônio e a tradição historiográfica senatorial: uma leitura da Vida de Nero. História. São Paulo, v 24, n 2, 2005. P 111-127. (sobre o estudo de biografias antigas, também analisa a narrativa de Suetônio, autor e obra).

JOSÉ, Natália Frazão. A Construção da Imagem do Imperador Augusto nas obras de Veléio Patérculo, Plutarco e Suetônio. 2011. 257f. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Franca, 2011.

- LEME, A.L. Considerações sobre o gênero biográfico em “a vida dos doze césares”, de Caio Suetônio (século ii d.C.). *História Helikon*, Curitiba, v.1, n.1, p.37-55, 1º semestre/2014
- LIMA, D. C.. Gênero biográfico e historiográfico na Roma Antiga: Os testemunhos das fontes e a obra de Suetônio e Tácito. 207 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) Universidade Estadual de Campinas. Campinas. 2012.
- ROSA, Claudia Beltrão da. Arte, religião e poder na Roma antiga: inovações e conservadorismo na República Tardia. In *Roma e as sociedades da Antiguidade: política, cultura e economia*. Maria Regina Candido (org.) - Rio de Janeiro. NEA/UERJ, 2008.
- ROSA, Claudia Beltrão. *De haruspicum responso*: religião e política em Cícero. *Revista Mirabilia* 3. P 20-42. 2003.
- ROSA, Claudia Beltrão. O problema da periodização da “República romana”: algumas observações a partir do estudo da religião romana. *Revista Eletrônica Nearco*. n. I, a. VI. 2013 p. 116-137.
- RÜSEN, Jorn. *História Viva: teoria da história: formas e funções do conhecimento histórico*. Trad Estevão de Rezende Martins. Editora Universidade de Brasília. 1º reimpressão. 2010.
- SANTOS, Dominique Vieira Coelhos dos. Acerca do conceito de representação. *Revista de Teoria da História*. v 3. n 6. P 27-53. 2011.
- SCHMIDT, Benitto Bisso. *História e Biografia*. In CARDOSO, Ciro F.. VAINFAS, Ronaldo. *Novos Domínios da História*. Elsevier, Rio de Janeiro, 2012.
- SOBRAL, A. E. A.. *Suetônio revelado: O texto narrativo biográfico e a cultura em “As Vidas dos Doze Césares”*. Tese de doutorado. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, 2007
- WARDLE, David. *Caesar and religion*. In GRIFFIN, Miriam. *A companion to Julius Caesar*. Blackwell Publishing. P 100-111. 2009.

¹ O artigo em questão foi possível graças ao projeto de pesquisa 39/2014, intitulado: *Entre Biografia e História - Reflexões sobre a vida de Júlio César a partir das obras: Comentarium de Bello Civillii, Comentarium de Bello Gallico; De Vita XII Caesarum (Divus Julius) e Βίοι Παράλληλοι (KAISAP)*, subsidiado pela Propex/FURB.